

OS SÍTIOS DA ÁGUA



Ficha Técnica

Título **Os Sítios da Água**

Exposição: **Sala Multiusos da Levada** | 22 Out > 31 Dez '22
Sala de exposições do IPT [Instituto Politécnico de Tomar] | 22 Out > 30 de Nov '22
CEFT [Centro de Estudos em Fotografia de Tomar] | 19 Nov > 31 de Dez '22

Artistas

Abílio Febra	João Sotero
Alberto Trindade	Jorge Bacelar
Ana Filipa Scarpa	Jorge Pé-Curto
Anabela Mota	Kerk
Beatriz Cunha	Luís Reis
Becerra Vitorino	Manuel San-Payo
Carmen Vitorino	Manuela Martinho
Catarina Câmara	Mário Lopes
Diogo Rosa	Marta Castelo
Elsa Figueiredo	Maya Fernandes Kemp
Engrácia Cardoso	Pedro César Teles
Fátima Afonso	RaRo
Fernando Sarmento	Ricardo Gigante
Filipe Curado	Sandra Borges
Gina Frazão	Susana Piteira
Helena Estanqueiro	Teresa Lima
Isabel Soares dos Reis	João Donato
Ivone Alves	Thierry Ferreira
João Estrada	

Edição

Município de Tomar
Convergências

Design Gráfico

Alexandra Matias
Gabinete de Comunicação e Imagem do Município de Tomar

Revisão

Nuno Garcia Lopes
Gabinete de Comunicação e Imagem do Município de Tomar

No princípio era a água. À mecânica da vida é assim que podemos exprimir, envoltos que estivemos no líquido amniótico que, num processo quase alquímico, transformou o amplexo de duas células no ser que somos.

No princípio desta terra era também a água, ambos igualmente num amplexo simbiótico que, por o entorno tornar belo e os campos férteis, foi congregando às gentes em seu redor.

Depois do princípio, quando povos sucessivos se apropriaram do lugar, era ainda a água que os movia e aos seus engenhos, que com o tempo melhor se apetrechavam.

A água alimentou os corpos e criou riqueza e desenvolvimento e alimentou também os espíritos.

E, por este rio abaixo, foram rodas e azenhas e moinhos e lagares e também as fábricas, que de igual modo vestiam os corpos e às mentes ofereciam, em papel, a sua roupagem.

E, hoje, no lugar dos mecanismos estão ainda os sítios onde a água produziu vida.

No próprio meio, entre o lugar onde o rio cavou a liberdade da sua escorrência e aquele em que as gentes escavaram a levada da sua subsistência, e em seu redor, estão agora os Sítios da Água, a homenagem dos artistas ao elemento essencial da vida.

Bebamos com eles, de mãos em concha, da beleza fresca e cristalina que emanam como fontes.

Filipa Fernandes
Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Tomar

Da santa Água: O *Solve* e o *coagula*

Sendo a água o elemento dissolvente, ela própria se transfigura quando posta perante o modo alquímico que é a arte. Então, passa a unir.

Fá-lo no fluir da tinta, na modelagem do barro, no lavar da lã e do linho, no arrefecer do metal depois da incandescência da forja. Deste modo, tela, tecido, cerâmica e jóia fazem parte do mesmo grupo que a água uniu para que a mão pudesse moldar o barro, o ferro pudesse gravar o metal, o tear pudesse criar a teia, o pincel a ilusão da cor e da forma, a lâmina pudesse cortar os veios do que já foi árvore, com seu sangue, a pedra fosse acariciada e suavemente preparada para o cinzel. Chuva, ribeiro, choro estão-lhe na linhagem. Que lágrima não correu pela face do artista para se projectar na criação que as mãos mostram? Sempre a água, na sua interiorização de peixe, na prudência do caranguejo, na duplicidade do escorpião.

Com seu vértice a apontar o baixo, é ela que cai sobre a nuca do artista na iniciação à criação, o baptismo dos que da arte respiram. Então, é ar. Antes de renascer como terra. É então que a água de onde nasceu a arte é mostrada ao mundo. Irreconhecível no milagre. Invisível na transformação. Impossível na aparência. E contudo, É. E flui, esse sólido. Como rio. Ambiguamente antropomórfico ou assumidamente vago, o único objecto múltiplo irradia como cascata em peças várias, recuperando árvores, terra, tintas, gestos, lembranças, genes.

Estes artistas que em Tomar voltam a mostrar seu sangue: na tela, no tecido, no barro, na madeira, no papel, no metal ou na pedra, unidos estão no sacrifício aquático com que antecipam a intemporalidade, por alguns nomeada eternidade.

Risoleta C. Pinto Pedro
Setembro, campo de Almoinha.

Os Sítios da Água são uma outra e nova estação do manifesto implícito do grupo “Convergências”: Valorizar, pela arte, as dádivas da Terra, das quais a humanidade tem vindo a abusar com uma sofreguidão que as esgota e definha; Recordar, pela arte, que habitamos a nossa própria lixeira, pisamos a nossa terra estéril e damos aos nossos filhos a água que sujamos. Assim nós, os ricos, morreremos à sombra dos nossos despojos, enquanto outros povos, desconhecedores da abundância, asfixiam pelo pó e pela sede.

Mas... a arte resolve?

Não, no imediato pode até piorar as coisas. Mas a arte é única na capacidade de nos refletir, de nos denunciar e de nos transformar. É por isso que é pela arte que se educa, ou que se devia educar. Muitos já o disseram de maneiras mais eruditas ou mais belas. Resistimos habitualmente a citações, que podem tornar-se apropriações da credibilidade alheia; mas neste caso quer-se trazer à memória Yehudi Menuhin, ilustre violinista e humanista. Na sua “Carta aberta ao Conselho da Europa”, que é como que um testamento legado à consciência de todos nós, afirma: (...) só o exercício das artes (...) é capaz de dar origem ao verdadeiro respeito pelo próximo e ao desejo de paz que permita levar a cabo as nossas próprias realizações, bem como as realizações coletivas de todos aqueles que partilham a nossa responsabilidade para com esta Terra que sofre.

Por isso o barro - as suas artes e o seus ofícios, matéria das primeiras alquimias da humanidade, os “Sítios do Barro” 1 e 2; por isso a pedra - a sua grandeza e a sua beleza, guardiã resistente de testemu-

nhos humanos que ainda hoje nos tornam pequenos, os “Sítios da Pedra”. A experiência do barro e da pedra é vê-los, tocá-los. Mas agora temos a água, que é tudo. Cria o barro que se nos oferece ao trabalho e às coisas úteis; conforma a pedra numa luta épica que vai construindo a magna obra de arte que é o mundo; transforma-se em vida.

Mas a água também nos escapa. Nas suas fantásticas mutações, pode ser tão suave como a nuvem que faz sonhar a criança, quanto destrutiva, com toda a sua força arrasadora. A água não se deixa encerrar numa sala de exposições, não é coisa sua. No caso, é até a sala de exposições que se sujeita à água, guardada pelos seus fluxos e humores. Então como poderemos expor a água? Evocando-a, apenas. Pelo registo das suas manifestações oferecido aos nossos sentidos pela sensibilidade de um artista, pela reinterpretação de conceitos que lhe estão associados, pela sua evocação simbólica através de um objeto, de uma forma, de uma textura. Mas também pelas técnicas utilizadas, aquosas por vezes, e pelos suportes, sobretudo pelo papel, que é uma obra da água.

É altura de revelar a razão da escolha, dizer porque são agora os “Sítios da Água”. Tal como o foi para o barro e para a pedra, é a memória da histórica indústria do papel de Tomar que nos faz andar. Não chegámos aos ofícios, que se perderam, mas mantêm-se o propósito.

Quando pensámos nisto dissemos, preocupados – Então vai ser só papel – mas não foi.

Convergências, Tomar

Índice

Abílio Febra.....	7	João Estrada.....	26
Alberto Trindade.....	8	João Sotero.....	27
Ana Filipa Scarpa.....	9	Jorge Bacelar.....	28
Anabela Mota.....	10	Jorge Pé-Curto.....	29
Beatriz Cunha.....	11	Kerk.....	30
Becerra Vitorino.....	12	Luís Reis.....	31
Carmen Vitorino.....	13	Manuel San-Payo.....	32
Catarina Câmara.....	14	Manuela Martinho.....	33
Diogo Rosa.....	15	Mário Lopes.....	34
Elsa Figueiredo.....	16	Marta Castelo.....	35
Engrácia Cardoso.....	17	Maya Fernandes Kemp.....	36
Fátima Afonso.....	18	Pedro César Teles.....	37
Fernando Sarmento.....	19	RaRo.....	38
Filipe Curado.....	20	Ricardo Gigante.....	39
Gina Frazão.....	21	Sandra Borges.....	40
Helena Estanqueiro.....	22	Susana Piteira.....	41
Isabel Soares dos Reis.....	23	Teresa Lima.....	42
Ivone Alves.....	24	Thierry Ferreira.....	43
João Donato.....	25		

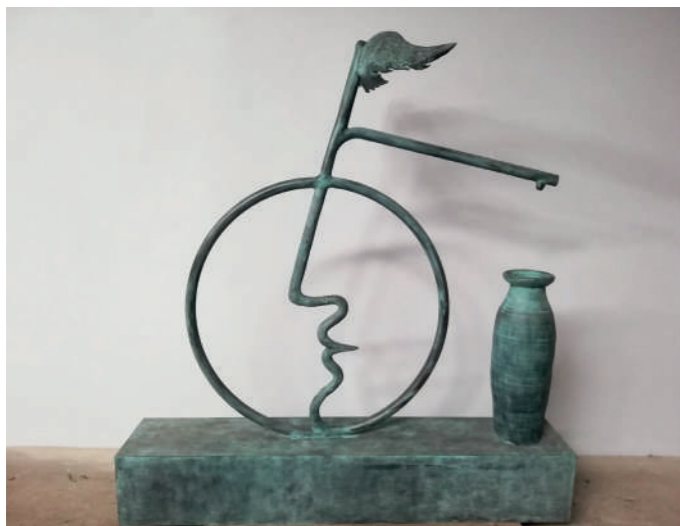
Abílio Febra



O seu trabalho como escultor, independentemente do material, procura sempre que seja uma expressão da sua forma de sentir e ver o mundo. É normal o escultor fixar as ideias através de desenhos e esquiços rápidos e posteriormente materializá-los em pedra, bronze ou madeira. Através da sua obra, o escultor acaba por se auto-retratar, ainda que de forma inconsciente. A espontaneidade, a inquietude e um certo gestualismo, guiados em parte pela intuição, deixam marcas na obra que o próprio reconhece como suas, mas que nem sempre consegue explicar. O escultor não procura soluções nem respostas, mas antes questionar, criar inquietude no observador e novas visões sobre o homem e o mundo.

Natural de Maceira, Leiria, nasce em 1956. Inicia a sua actividade de professor em 1979 depois de concluir a licenciatura em Geografia. A partir de 1983 frequenta a escola de artes Ar. Co Lisboa e passa a expor com regularidade a partir de 1984. Participou em mais de três dezenas de exposições individuais e mais de uma centena de mostras em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Polónia e Macau. Participou em vários simpósios internacionais de escultura e co-organizou outros. Pertenceu e foi co-fundador de associações de artistas plásticos. A partir de 2013, deixa o ensino para se dedicar em exclusivo à escultura.

Alberto Trindade



“Alberto Trindade tem a poética do criativo surrealista, voando através dos tempos e dos Mestres, partilhados física e espiritualmente. De Cesariny a Cruzeiro Seixas, de Arman a Raul Perez, na influência dos grandes rasgos de Dalí, na transcendência dos poetas, dos escritores, dos que espantam a realidade com a forma alongada, de fazer pensar, ir mais além.

Estudou na Escola António Arroio, conheceu Botero e outros artistas, navegou em múltiplas águas, viveu 28 anos em Roterdão, criou em escultura única a inane de Colombo implantada em Cuba do Alentejo, bem como tantas retidas em colecções particulares.

Nestas múltiplas “navegações”, Alberto Trindade tem como elemento primordial, um dos mais importantes da sua carreira, a materialização, tridimensionalmente, do sonho de poetas e de pintores como os seus amigos, Mestre Cruzeiro Seixas e Raul Perez, que lhe cederam pinturas e versos, transformados em esculturas tacteadas, para lá do olhar no envolvimento das formas.

Difícil, é o contorno dos afectos, nessa viagem de interpretar o mundo através do surrealismo, na vertente da procura de conhecer algo que ultrapassa o olhar ou os sentidos. (...)”

Eduardo Nascimento,
Director da Galeria Artur Bual

Ana Filipa Scarpa



Nasce em Lisboa em 1960. Frequentou Sociologia no ISCSP. Trabalhou na Galeria 111. Cursou Pintura em Azulejo do séc. XVII.

Começa a interessar-se pela Fotografia em 2006 e foi, essencialmente, como autodidata que fez o seu percurso, sendo uma fotógrafa versátil que procura permanentemente novos olhares.

Obteve o 2º lugar na categoria BW no Concurso HIPA no Dubai em 2019. Foi nomeada Fotógrafa Equestre do ano em 2014, pela FEI, Normandia. Recebe a Meda-

lha de Prata no Tokyo Awards 2019. Distinção com Outstanding Award nos Spider Awards, USA e 2º lugar no Spider Awards, 2019. Menção Honrosa no concurso internacional Sony World Photography Awards 2014, Bronze Medal in Gacilly, FIAP Gold Medal, PSA Bronze Medal, Photography Society of America.

De mencionar ainda: Nine Hours Urban Photographer of the Year Award 2012, London Honorable Mention at the Society of Biology International Contest, Charles Darwin House, London, Reytor de Zelinia Prize, Slovakia, Polónia, Vencedora nos Estados Unidos com três 1º lugares no American Society of Civil Engineers, 2 prémios UNESCO Performance Awards

Obteve outras distinções em Espanha, Itália, EUA, França, Macedónia, Polónia.

Para além da fotografia geral, trabalha em imagens para a decoração de interiores, fotografias institucionais e em estúdio. Integrou júris em diversos concursos de fotografia a nível nacional e internacional. É formadora e também colaboradora num jornal regional. Presta consultoria de imagem a diversas empresas ligadas aos ramos imobiliário e hoteleiro.

Ana Filipa Scarpa
<https://olhares.com/ascarpa>

Anabela Mota

As intervenções artísticas de Anabela Mota cruzam várias áreas disciplinares, desde a vídeo/instalação, a fotografia, a escultura e a pintura, numa busca pelo médium que melhor responda à inquietação colocada por cada projecto que desenvolve.

“E pergunto-me, pode um pintor chamar uma nova cor à existência? Não obstante estas indagações, é certo que uma cor (como tudo o resto) pode ou não existir para nós mediante a nossa disponibilidade para a perceber, que é em parte condicionada pela estrutura da linguagem que utilizamos. Desconhecemos quantas coisas habitam as margens da nossa percepção, nos entram pelos olhos sem que as vejamos, sem que sejamos capazes de as distinguir na sua singularidade. Mas também sucede, por vezes, que somos absolutamente surpreendidos por uma aparição. É uma tal intermitência, ou cintilância do visível (para usar uma palavra que a própria Anabela ousou chamar à existência) que as peças desta exposição nos convidam a experimentar.”

Fragmento do texto apresentado na exposição, ‘kyaneos, de que cor é o azul’, da autoria da Sara Belo e que exprime a natureza da busca artística de Anabela Mota.

O mistério do visível, a capacidade de habitar o olhar e ver aquilo que um olhar habituado não vê. O espanto perante o mistério presente no visível.

Anabela Mota é Mestre em Pintura pela Fbault e membro do colectivo “Humor Líquido”. Membro da ‘escola livre’, grupo de estudo e reflexão livre sobre Arte, em permanência na Galeria Zé dos Bois, Lisboa. Autora das ilustrações do Livro ‘Guia para a Família das crianças com cancro’, IPO de Lisboa. Participou na curadoria de inúmeras exposições.

Anabela Mota
<https://www.instagram.com/abmota1/>



Beatriz Cunha

Os despojos da civilização são reutilizados para a construção de obras que não seguem uma orientação previsível, num processo de investigação que retrata a diversidade das nossas sociedades, desmoronando-se e reconstruindo-se sucessivamente, recomeçando sem que exista um total controlo de todos os fatores que nelas participam ou de todas as possíveis fases que podem desenvolver-se.

Tal como a matéria natural se vai construindo sobre a decadência da matéria que a precedeu, assim acontece também no mundo cultural, com as suas representações simbólicas, que se vão alicerçando e crescendo sobre o que fica do passado.

Beatriz Cunha nasceu em Lisboa, em 1959. Estudou História na Universidade Nova e Joalheria contemporânea na AR.Co. Depois de um período dedicado à joalheria, nos anos noventa, iniciou a sua abordagem à escultura, explorando técnicas e materiais, desenvolvendo a sua linguagem artística através da experimentação. Pertence aos órgãos sociais da Sociedade Nacional de Belas Artes.



Tem cerca de vinte exposições individuais, entre as quais se destacam em 2022 “Diamantes Abruptos”, Convento do Espírito Santo, Loulé; 2020 “Polígonos Cíclicos Conectivos” na Sociedade Nacional de Belas Artes; 2019 Relicários Efémeros, Oficina de Cultura, Almada; 2017 Escultura em Pedra, Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros; 2015 Relicários Efémeros, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa; 2010 Festival de Música de Sintra, Centro Cultural Olga Cadaval; 2006 “Biótopo”, Galeria Municipal de Abrantes; 2005 Sonhos e Mitos, Museu Municipal de Alcochete; 2000 Paleo Mater, Casa da Cultura de Mêda; 1999 O Futuro dos Mitos, Galeria CTT, Lisboa. Existem cerca de uma dezena de obras em espaços públicos.

Participa em inúmeras exposições coletivas onde se destaca a presença em várias edições da Bienal de Cerveira; a 5ª Edição do Prémio Amadeu de Souza-Cardoso. Arte Hoje, SNBA; III Prémio Edinfor de Escultura.

Beatriz Cunha
www.beatrizcunha.net

Becerra Vitorino



Ir fazendo as coisas que apetece na vida e tentar não olhar para trás (não, não vou torturar a alma de António Machado com citações oportunistas). Contudo, as memórias, incompletas quase todas, como desenhos não acabados, intensas ou difusas, próximas ou distantes, são as pessoas e os lugares que se instalam no momento de escrever, desenhar, de pensar; são os aromas de Espanha, as noites abruptas de Moçambique, a lassidão de Angola, e o regresso sempre às coisas próximas, ao pequeno rio e ao coaxar das rãs; e aos afetos, que são os construtores da existência.

Tomar, 1955, muitas escolas, muitos regressos, muitas perdas e reconquistas, muitas paixões; arquiteto e o resto, exposições com o grupo e isso; desenhos e fotografias, principalmente; ideias por concretizar também, algumas.

Carmen Vitorino



Natural de Tomar, licenciada em Design de Equipamento pela FBAL em 1978, foi professora do ensino secundário, tendo leccionado ainda cursos profissionais de Serigrafia e Gravura, Fotografia e Vídeo e Design Gráfico. Fez algumas incursões pelo design industrial, de interior e gráfico tendo realizado, entre outros, projectos de artigos de viagem para a extinta fábrica Sardan. Gosta de comunicar pela fotografia e pelo desenho e de reelaborar formas de ver e interpretar a realidade através de diferentes meios de expressão plástica.

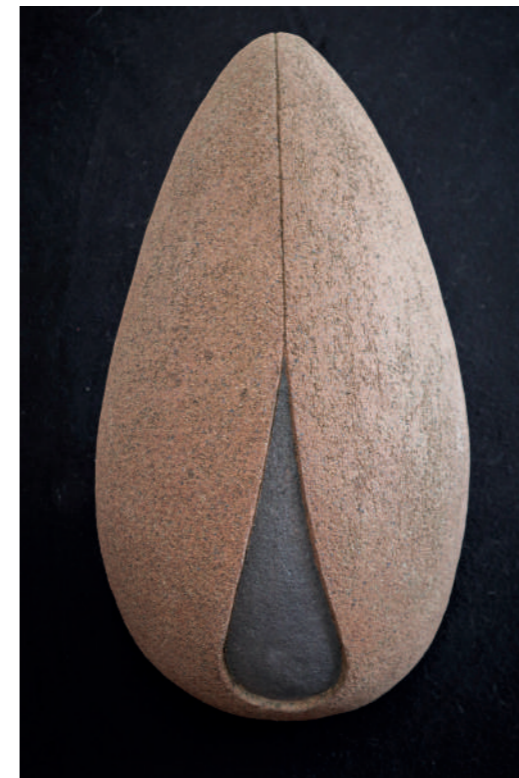
Catarina Câmara



Formada pela Sociedade Nacional de Belas Artes em Pintura (2010-2014), História de Arte Contemporânea (2014-2015) e Fotografia Artística (2015 - 2018).

Participa em algumas exposições, nomeadamente: 2018 - Exposição colectiva dos Artistas Sócios, SNBA, Lisboa; 2019 - "Nudity is a Form of Dress", exposição individual, Centro Galego de Lisboa; "Metade do Céu", exposição colectiva, Fórum Cultural de Alcochete; 2022 - "Painting with my Camera", exposição individual,

Catarina Câmara
<https://www.instagram.com/p/CO8XrLDHdq7/>



Diogo Rosa

Uma gota de água, uma semente que germina!
Apenas isso!
O milagre da criação!

Diogo Rosa

Desenvolve actividade como artista plástico nos campos da escultura em pedra, cerâmica e pintura. Participa com regularidade em exposições individuais e colectivas. Integra o Centro Internacional de Escultura, tendo participado várias vezes no Sintra Arte Pública que tem lugar na Volta do Duche. Participou em diversas intervenções artísticas de âmbito social. Na escultura cerâmica tem desenvolvido trabalhos de simbiose entre o humano e o animal, sendo o tema transversal a outros trabalhos que tem realizando. Coordenou recentemente o ciclo de exposições "Convergências" na Arte Graça. Colabora com a Casa do Concelho de Tomar e outros organismos na divulgação da arte e dos artistas plásticos.

Diogo Rosa
<https://antoniiodiogorosaescultura.art.blog/>

Elsa Figueiredo



Como fotógrafa, procuro fazer algo diferente para representar as minhas ideias. Através das minhas fotografias procuro que o espectador viva uma experiência visual e emocional directa. É a minha intenção que o espectador, perante as imagens, dê largas à sua imaginação e crie a sua própria história.

Através desta série, cujo título é “Sonho”, e que apresento na exposição Sítios da Água, procuro traduzir estados de espírito como insegurança, medo, estranheza, em contraponto à alegria, felicidade e sonho.

Elsa Figueiredo participa em 2012 no workshop Iniciação à Fotografia com Joel Santos, em 2017 no Curso Profissional de Fotografia da APAF, em 2019 numa formação pela Escola Informal de Fotografia e Espectáculo por Susana Paiva e, entre 2019 e 2022, no Curso de Fotografia pela SNBA.

Participa em exposições entre as quais se destacam: em 2022 e 2021, exposição colectiva das Oficinas de Formação e Animação Cultural, Aljustrel; em 2018, exposição colectiva, EIFE; em 2015, exposição individual “Parede Expositiva”, BIRRARIA, Almada; exposição individual na Porto Art Gallery, Porto.

Engrácia Cardoso



Engrácia Cardoso nasceu em Tomar em 1976, vive e trabalha em Lisboa. Mestre em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Licenciada em Desenho pela Escola Superior Artística do Porto em 2007.

Selecionada – VI Bienal de Espinho, IV Bienal Internacional de Gaia, 2021; XXI Bienal de Cerveira, 2020; III Bienal internacional de Arte, Gaia 2019 II Bienal de Desenho de Almada, 2018; Bienal Internacional de Cerveira, 2017; Prémio Paula Rego – Casa das Histórias, Museu Paula Rego, 2016; Weg Mit Kunst, Kaiserslautern, Alemanha, 2014; Teleférico Dinâmico – Capital da Cultura, Guimarães, 2012; IX Prémio Vespeira, Montijo e Prémio La Caixa, Fundação La Caixa Barcelona, Espanha, 2008; Prémio Amadeu de Souza-Cardoso, Amaranite e Bienal de Cerveira, 2007; VIII Prémio Fidelidade, Culturgest, Porto, 2004; VIII Prémio Fidelidade, Culturgest, Lisboa, 2004.

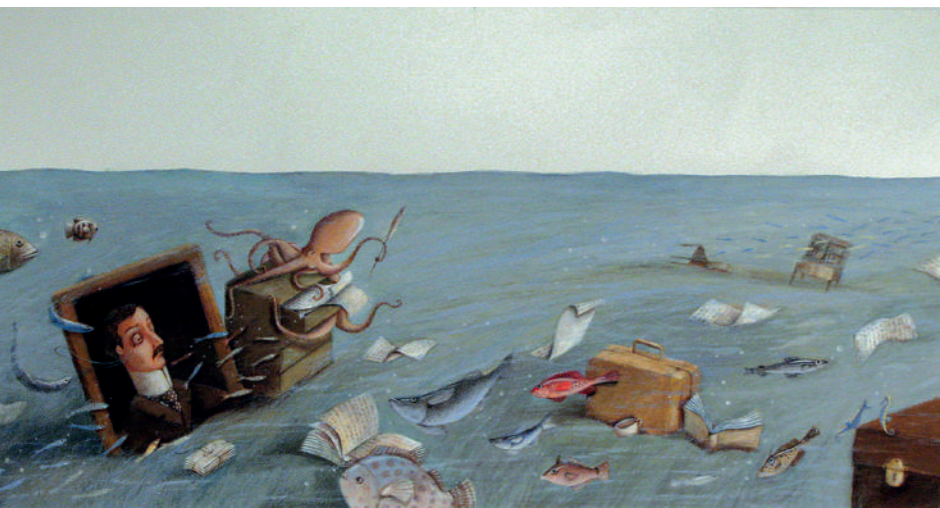
Vencedora – Bolsa Prémio Viagem Henrique Silva, Bienal de Cerveira em 2008/2009 e do VIII Grande Prémio de Pintura Fidelidade Mundial, 2004. Participou em residências artísticas, Compiègne, França 2005; Kaiserslautern Alemanha, 2013, 2006, 2004.

Expõe regularmente em projetos individuais e coletivos. Está representada em coleções particulares e públicas, nacionais e internacionais.

Engrácia Cardoso
<http://www.engraciacardoso.com/>

Fátima Afonso

Como ilustradora, na maioria das vezes, parto de um texto e após a sua leitura dou início aos primeiros esboços. Começo principalmente pela construção das personagens. Complementarmente recolho alguma informação escrita, desenhada, fotografada. Passo os olhos pelos objetos da minha casa. Por vezes construo modelos. Vou ao passado, vou ao presente, vou ao futuro... estudo os ambientes, crio as composições e só depois começo a pintar. Normalmente utilizo técnica mista: guaches, aguarelas, lápis de cor, grafite, acrílico... pontualmente colagem. Apesar da ligação ao texto, a ilustração permite alguma liberdade ao ilustrador, que de acordo com o seu imaginário e aquilo que é, pode acrescentar o que está escondido e contar também outras histórias. Entendo, por isso, que ilustrar é contar uma história com outras histórias dentro.



Fátima Afonso nasceu em 1962, em Torres Novas. Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em 1988. É ilustradora e professora de Artes Visuais em Setúbal, onde reside atualmente. Participou em várias exposições de pintura, desenho e ilustração. A partir do ano de 2000 começou a dedicar-se à ilustração de literatura infanto-juvenil, tendo desde essa altura ilustrado várias obras. Participou também na ilustração de manuais escola-

res de Língua Portuguesa e na ilustração de cartazes para espetáculos de Marionetas. Em 2012 fez parte dos ilustradores selecionados para representar Portugal, País Convidado de Honra na Feira do Livro Infantil de Bolonha. Em 2014, com *Sonho com Asas*, foi-lhe atribuído o 2.º prémio (menção honrosa), juntamente com Teresa Martinho Marques (texto), no VII Prémio Internacional Compostela de Álbuns Ilustrados, projeto que foi publicado em 2016 pela Kalandraka Portugal. Em 2017, também com este livro, recebeu o Prémio Nacional de Ilustração.

Fátima Afonso
<http://fatimafonso.pt/>

Fernando Sarmiento

Os pesos das redes de pesca romanas encontradas no Rio Tejo, na antiga Doca dos Olivais, foram o ponto de partida...

Nasce em 1970 em Sanza Pombo – Angola. Professor de Escultura e Pintura Cerâmica na Escola Artística António Arroio, desde 1996. Residência artística em Poznan, na Polónia, em 1994. É artista convidado, em 2004, na X edição da Bolsa Alfonso Ariza, na Rambra, em Cordoba. Em 2010, inicia o seu “Projecto de Artista” no Museu Nacional de Arqueologia. Vencedor de diversos prémios, nomeadamente: o primeiro prémio da Fundação Inatel de instalação nas edições de 2007, 2008 e 2010: o primeiro prémio de escultura na Bienal Joaquim Afonso – Museu do Cerâmica de Loures em 2006 e 2009 e o primeiro prémio do Concurso do Comité Olímpico nas Olimpíadas de 2012, sendo a sua obra de escultura escolhida para representar Portugal em Londres. Formador desde 1999 das Oficinas Temáticas de Cerâmica realizadas nas férias escolares, para crianças dos 7 aos 11 anos no Solar dos Zagallos – Almada. Formador de olaria e técnicas de cerâmicas no Centro de Artes e Ofícios – CCD, desde 1998.



Fernando Sarmiento
<https://ceramicaxxi.pt/>

Filipe Curado

O processo criativo é um acto pessoal e introspectivo, onde há uma busca ou fluir de uma ideia emergente, de algo desconhecido que fica a pairar no consciente até à materialização, tornando-se assim obra de arte .

Filipe Curado, nascido em 1978, natural de Leiria.

Escultor autodidata, iniciou o seu percurso em 1998. Desde então tem vindo a colaborar com varias galerias de arte, expondo com frequência um pouco por todo o país e também no estrangeiro, contando já com mais de 70 exposições individuais e colectivas.

Está representado em várias colecções institucionais, particulares e conta também com algumas obras públicas.

Filipe Curado
<https://filipecurado.com/>



Gina Frazão



Nasceu no Porto em 1950. Licenciada em Pintura pela E.S.B.A.L. em 1971. Leccionou na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva de 1985 a 1987. Ligada ao Ensino Especial na Escola Preparatória Quinta de Marrocos, em Lisboa de 1981 a 1992. Professora na Escola E B 2 Prof. Pedro D' Orey da Cunha na Damaia desde 1992 a 2009.

Participa desde 1971 em diversas exposições colectivas e individuais. Menção Honrosa e 2º Prémio, Galeria Aberta Museu Jorge Vieira, Beja 2007 e 2009. Participa em vários projectos artísticos para a realização de intervenções arquitectónicas em azulejo, instalações vídeo, pintura e ilustração.

Gina Frazão
<https://ginafrazao.wordpress.com/>

Helena Estanqueiro



Nasceu em 1953 em Lisboa.

Licenciada em Artes Plásticas - Pintura (1977) na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) e frequência na licenciatura em Design de Comunicação (ESBAL).

Professora na Escola Artística António Arroio, na área de Produção Artística - Especialização em Artes Têxteis, entre 1976 e 2019.

Paralelamente, desenvolveu actividades, no âmbito da formação no Projecto Delfim (2002), de workshops em tinturaria vegetal, e colaboração e montagem de exposições de projectos finais de curso de alunos na escola e em outros espaços como no Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, na Casa da Cerca em Almada e na Bienal Internacional de Arte Têxtil em Guimarães.

Participou em exposições coletivas, na Lourinhã, Torres Novas, Tomar, Lisboa e integra parte de coleções particulares.

Desenvolve trabalho nas áreas da Pintura e Arte têxtil contemporânea.

Isabel Soares dos Reis

As cinco fotografias presentes nesta exposição “Os Sítios da Água” são uma parte do Projeto Fotográfico “Exposições In-existentes”. Este partiu da ideia de criar exposições imaginárias usando várias camadas de fotografias todas feitas pela autora.



Exposições que não são exposições ou que... sendo-o (porque “ser” é “existir”, mesmo que só em fotografia) não o são (porque “não ser” é “não existir realmente”).

Estas exposições que não sendo são-no e que, sendo, não o são, colocam-nos em pleno reino do paradoxo, conceito que atravessa todo o projeto. No decurso deste pensamento, ocorreu à autora a obra de Magritte “A traição das imagens” (na qual a imagem de um cachimbo aparece com a inscrição “isto não é um cachimbo”). É intenção da autora refletir sobre a existência de um sentido paradoxal das e nas imagens, do que todas são e não são simultaneamente, do jogo infinito desse mesmo sentido paradoxal do e no olhar, jogo paradoxal que, atrevesse a questionar... atravessa toda a arte?

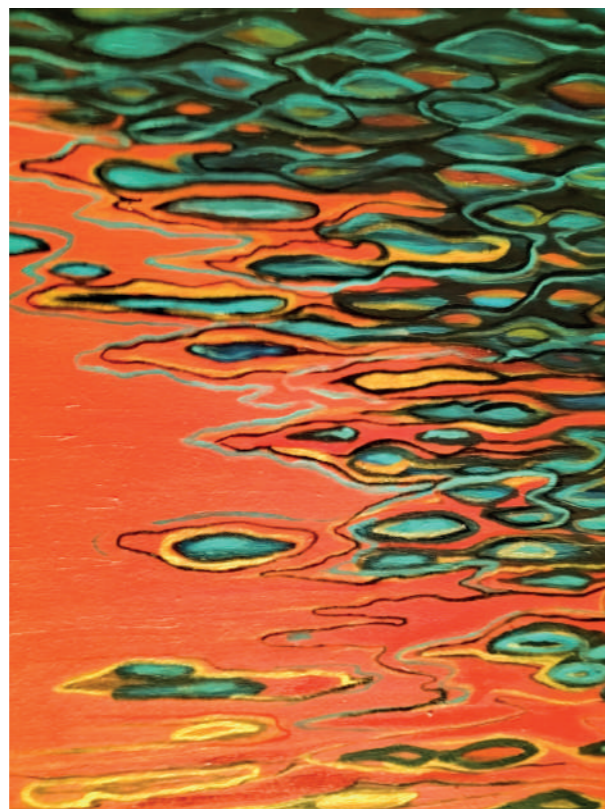
Licenciada e Pós-graduada em Psicologia e Psicoterapia, frequenta entre 2018 e 2021 o Curso de Projecto Artístico em Fotografia pela SNBA. Fotógrafa convidada do programa FOTOBIX da RTP 3, ep. 261, em Junho de 2022.

Participa em várias exposições de fotografia, entre as quais se destacam: exposições coletivas dos alunos da SNBA em 2019, 2020 e 2021; em 2020 e 2021 no Centro Cultural de Aljustrel; participação nas exposições a convite do curador Carlos Carvalho em 2020, “Ser mulher”, e “Abrangências”, em 2021 “Dias Felizes”, em 2022 “7 Projectos”, “Em pé de Igualdade” e “Two Weeks Fashion”, no espaço da Juventude da Galiza.

Isabel Soares dos Reis

https://www.instagram.com/isabelsoaresdosreis_fotografia/

Ivone Alves



Espírito assombrado. Que fazer das palavras que sobram? A imaginação é a visão da alma.

Ivone Alves, natural de Tomar, licenciada em Design de Mobiliário pela ESAD. Foi docente de profissão, desenvolvendo sempre, paralelamente, atividades de design, pintura, têxteis e moda.

As artes sempre estiveram presentes na sua vida, tendo-se dedicado à pintura de forma mais continuada desde 2007.

O tema “ água” é recorrente nas suas pinturas.

João Donato



Autodidacta, nascido em Maputo, Moçambique, em 1953, iniciou-se nas artes cerâmicas em 2002, em Brasília, com a mestre ceramista Cecy Sato.

Em 2005 foi para Londres onde estudou sob a tutela de Daphne Carnegy, no City and Islington College, tendo depois trabalhado nessa cidade como técnico de cerâmica até 2011 e depois regressou a Maputo, onde vive actualmente.

João Donato
jdonatoceramica.blogspot.com

João Estrada

“No leito de um rio profundo, memórias perdidas sobrevivem ao tempo e à corrosão dos elementos. Indestrutíveis, reerguem-se um dia e voltam à superfície.”

Produção - Bárbara Sales e João Estrada

Direcção de Fotografia e Correção de Cor- Bárbara Sales Música - Diogo Caetano

Realização, Montagem e Sonoplastia - João Estrada Assistência de Montagem - Maria Maranhã

Filme produzido no âmbito da exposição “Em boa memória. Retrato, Humanidade e Futuro.”, fruto de uma parceria entre o Edifício dos Leões - Espaço Santander e o Museu Nacional de Arte Antiga. Esta mostra traz um conjunto de importantes obras – retratos – da instituição museológica ao espaço cultural do Banco Santander. Neste filme, retratos perdidos resistem ao esquecimento, vencendo o tempo e os elementos.

João Estrada trabalha maioritariamente como realizador e montador, criando conteúdos para cinema, televisão e contexto institucional. Licenciado em 2016 pela Escola Superior de Teatro e Cinema, nas áreas de Som e Realização, é realizador dos filmes “Um Cadáver Chamado Alfredo”(2013) e “Bunker ou Contos que Ouvi Depois do Mundo Acabar”(2020) e das séries documentais “Dar a Ver - A Escolha do Conservador” (2021) e “À Nossa Guarda - A Escolha de Quem Cuida” (2022).

João Estrada
<https://vimeo.com/joaoestrada>



João Sotero

“Guardião. Por analogia, assim como os poderes da terra têm que ser defendidos, toda riqueza ou potestade mítica, religiosa ou espiritual, tem que ser protegida contra os poderes contrários ou frente à possível intrusão do que não é digno de penetrar em seu domínio. Assim, as lendas falam do “guardião do tesouro”, quase sempre um grifo ou dragão, ou um guerreiro dotado de poderes extraordinários. Nos templos, já a organização do espaço implica a ideia de defesa, que os muros, portas e torres ratificam. No Extremo Oriente, os guardiães costumam ser figuras de monstros fabulosos. No Ocidente, as imagens dos portais costumam ter função similar. Psicologicamente, os guardiães simbolizam as forças que se concentram nos umbrais de transição entre diferentes estádios de evolução e progresso, ou regressão espiritual. O “guardião do umbral” tem que ser vencido para que se possa penetrar como senhor num recinto superior.”

(in Dicionário dos Símbolos, Cirlot, 2005).

Significado Místico

“Inicialmente, a figura do dragão esteve associada às divindades, às águas fertilizantes da serpente e ao divino “sopro da vida” do pássaro. Somente mais tarde o dragão adquiriu aspectos malignos, tornando-se, portanto, um símbolo ambivalente: o criativo e o destruidor.”

(in Dicionário dos Símbolos)

Intenção Artística

Este “Guardião” através de uma forma lúdica, pretende Despertar as Consciências para o “divino” equilíbrio entre os elementos da Natureza, neste caso o Rio e a Água, na qual estamos inseridos, que se pode tornar precário se não formos todos cuidadores e responsáveis. Em 1967-68 participa em concursos nacionais de Pintura, sendo-lhe atribuída uma menção honrosa e um 1.º prémio. A partir de 1982 dedica-se à Escultura. Figueira da Foz, Atelier do Moinho 1982 a 1988. Évora, no Departamento de Escultura em Pedra de 1989 a 1999. Atelier próprio em Évora 2000 a 2008 e em Arraiolos a partir de 2009. Desde 1995 tem realizado vários trabalhos cenográficos para Teatro. Projecto, espaço LoboMau, em Arraiolos 2009-2010. Fez 30 exposições individuais e 80 exposições coletivas. Executou 17 cenografias. Montagem Cenográfica de Exposições, 4. Participou em 3 Workshops e em 6 Simpósios e 8 Bienais. Tem 13 Esculturas Públicas em Portugal, 1 França e 3 Alemanha. Está representado no Museu Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz, Museu Marítimo de Ílhavo e em Coleções Particulares.

João Sotero
www.joaosotero.com



Jorge Bacelar

“É neste ambiente que eu encontro a luz que quero, que tenho as pessoas que eu sinto como família.”

Jorge Bacelar



Jorge Bacelar nasceu em Figueira de Castelo Rodrigo. É médico veterinário há mais de 20 anos, exercendo a sua profissão na região de Aveiro. Despertou para a fotografia há oito anos. Começou pelas paisagens e depois mergulhou no mundo rural, fotografando a gente que vive da terra, no seu próprio meio, principalmente oriunda da Murtosa, de Estarreja, de Albergaria-a-Velha e de Figueira de Castelo Rodrigo. Rostos, expressões e poses, com os animais e os produtos da terra a completarem o retrato. Pessoas que já o conhecem por causa do seu trabalho como médico veterinário, facilitando e confiando na sua missão de fotografar: “Gostam do resultado final, sentem-se felizes ao ver as fotos”, afirma Jorge Bacelar. Tendo o privilégio de conhecer o mundo rural e conviver com pessoas que muito admira, encontrou na fotografia uma forma de enaltecer e perpetuar a imagem dos agricultores, com quem tem uma relação familiar, de grande amizade e respeito.

Tem recebido importantes prémios e distinções pelo seu trabalho fotográfico, tais como: Nomination Award HPA 2015, World Photographic Cup 2016, FEP European Professional Photographer of the Year Awards 2016, 2016 OIE Photo Competition, Documentary Award HPA 2017, Global Photographic Union, Concurso Internacional de Fotografia Transversalidades 2017, Singapura Photo Cup 2017, Photographic Society of America 2017, IUP 5th Anniversary Celebration Photo Circuits 2017, Travel Photographer of the Year 2020. É frequentemente convidado a participar em exposições individuais e em programas televisivos culturais para falar do seu trabalho fotográfico.

Jorge Pé-Curto

Jorge Pé-Curto nasceu em Moura em 1955. Trabalha em exclusividade como escultor desde 1990. Aos dez anos de idade começou a frequentar o Centro Artístico Infantil, no Castelo de S. Jorge, de que era mentor o pintor Hermano Baptista. Mais tarde estudou escultura na Escola António Arroio como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1981, juntamente com outros artistas, fundou, em Almada, a IMARGEM, projecto que, entretanto, viria a abandonar. Foi também professor do ensino oficial durante 17 anos.

Como artista plástico desenvolveu actividade na cerâmica, pintura, design de cartaz e gravura, mas seria na escultura, nomeadamente na pedra, que viria a centrar o seu trabalho. Colectivamente, Jorge Pé-Curto participou desde 1972 em diversas exposições em galerias, instituições várias, espaços comerciais e mostras escultóricas ao ar livre. É autor de inúmeras obras de arte pública a nível nacional.



Kerk



A obra estabelece o paralelismo entre a grandeza do mar e o espírito sublime. O bem-estar da alma numa esfera de paz que transcende, sossega, ilumina e orienta. O despertar dos sentidos deambulando em emoções, mergulhado num mar de pureza e tranquilidade. A limpidez da água reflete como espelho a genuinidade e inocência do espírito como quem busca a luz e procura afastar sombras, injúrias e crueldades. Desafio a respirar e, respirar essa paz é o propósito, mesmo que coberta de água seja mais difícil.

Chamo-me Paula Albuquerque e adotei o nome Kerk para assinar as minhas obras. Nasci em Lisboa em 1968. Licenciiei-me em Design e fiz um Bacharelato em Design de Moda no IADE

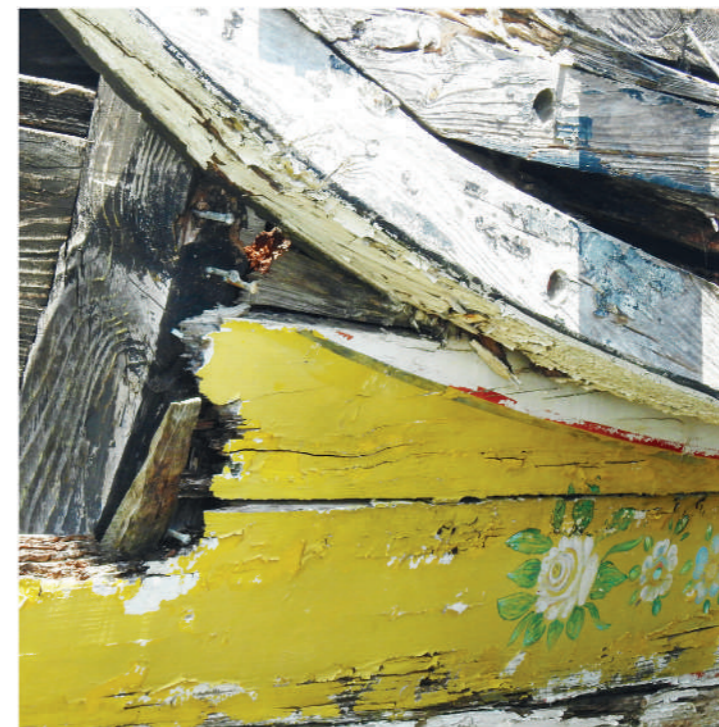
– Creative University. Em 1992 iniciei a minha carreira profissional como designer de moda numa fábrica em Cascais. Lecionei no mesmo ano numa fábrica de confeção para exportação dando cursos de formação profissional subsidiados pelo Fundo Social Europeu. Mais tarde, em 1994/95 fui docente de Educação Visual e Tecnológica num colégio particular. Em 1996 abracei, até hoje, a área do design gráfico, sem nunca esquecer as artes plásticas que, com muito gosto, ainda vão ocupando parte do meu tempo livre.

Destacam-se as seguintes exposições: 2018 – Galeria Sta. Catarina, Calçada do Combro, Lisboa; exposição individual no Centro Cultural do Morgado, Arruda dos Vinhos; 2017 – Galeria RA-100, Arroios; Oficina de Cultura, Câmara Municipal de Almada; exposição individual no Campus da Justiça, Parque das Nações, Lisboa; 2016 – Galeria Arte Graça, Lisboa; 2015 – Campus da Justiça, Parque das Nações, Lisboa; Exposição individual na Galeria Arte Graça, Lisboa; 2014 – Instituto Português do Desporto e Juventude, Parque das Nações; 2013 – “A Galeria”, Parque das Nações; Instituto Português do Desporto e Juventude, Parque das Nações; exposição individual no Edifício Central da CML, Campo Grande; 2002 – Universidade ISCTE; exposição individual no Edifício Central da CML, Campo Grande; 1999 – Sociedade de Jovens Empresários, ANJE; 1994 – Galeria Municipal de Almada;

Kerk

www.pinturakerk.wixsite.com/kerk

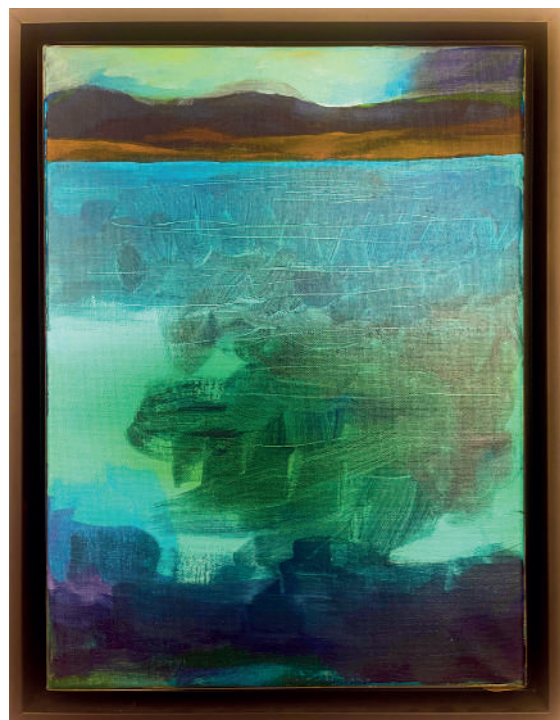
Luís Reis



O seu trabalho fotográfico foca-se em mostrar aspectos do envelhecimento e decomposição pelo clima, de barcos fora de uso. Mostrar a atracção pela água quando há calor...

Médico de profissão, assume-se como fotógrafo amador. Curso de fotografia da SNBA.

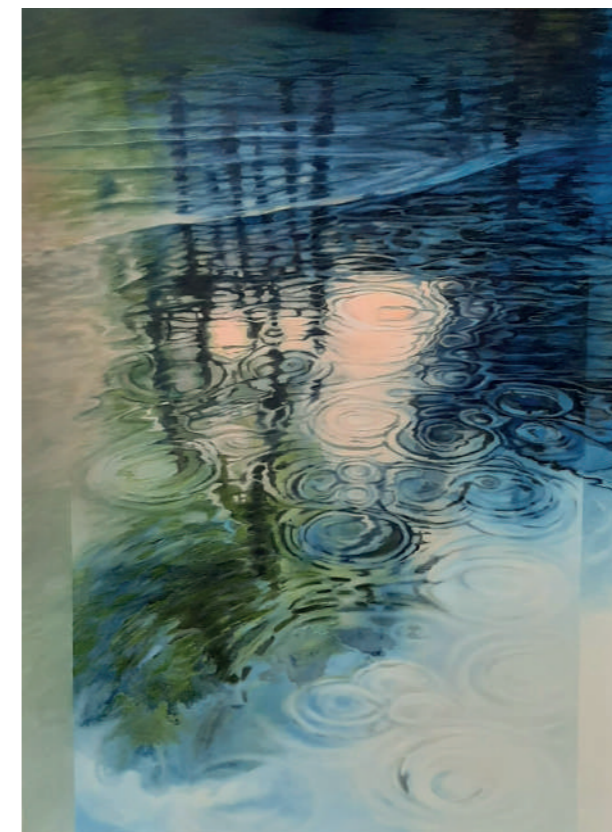
Manuel San-Payo



Nasce em Lisboa em 1958. Licenciado em pintura pela ESBAL em 1985. Professor Auxiliar de Desenho na FBAUL. Membro fundador da Galeria Monumental, em Lisboa, de cuja direcção faz parte e é curador.

Tem uma vasta colaboração como ilustrador em jornais, livros, capas de discos, cartazes. Expõe desde 1981.

Manuela Martinho



O seu trabalho procura explorar e divulgar a Natureza cada vez mais ameaçada pelo Homem.

Nasceu e vive em Lisboa. Possui o Curso Superior de Pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1971) e o Curso de Pintura Decorativa da Escola de Artes Decorativas António Arroio (1964). Exerceu funções docentes com professora de Educação Visual entre 1971 e 2008. O seu trabalho tem-se desenvolvido nas áreas da pintura, azulejaria e artes gráficas. Expõe individual ou coletivamente desde 1971. A sua obra tem sido publicada em livros da especialidade. Está representada em coleções particulares nacionais e internacionais.

Do seu trabalho destaca-se: executa em 1981 uma intervenção no Refeitório do Edifício da COOMP, em Lisboa; executa em 1984 a capa do disco “Cantigas de Amigo” de Pedro Caldeira Cabral, editada pela Valentim de Carvalho; realiza entre 1985 e 1987 um painel de azulejos em Alpiarça encomendado pela Caixa Geral de Depósitos; executa em 1991 o projecto para um painel de vitral na oficina de José Mendes, Benfica, para residência privada em Lisboa e posteriormente transferido para a Austrália.

Mário Lopes

Enquanto vivi no Japão, alguns anos atrás, inspirei-me nos jardins de pedra japoneses. A ideia de representar a Natureza num espaço confinado teve uma forte influência em mim. Comecei a adoptar essa ideia nas minhas obras, representando ideias abstractas como a expansão, desenvolvimento, crescimento da massa no espaço. Exesa Aquam é a representação dessa ideia, neste caso do efeito da erosão da água sobre a matéria, onde

permanecem as formas mais resistentes a este desgaste, criando esta paisagem abstracta.



Mário Lopes nasce em Leiria em 1981. Conclui em 2005 a licenciatura de Escultura pela Academia de Belas Artes de Carrara, Itália e em 2012 o mestrado em escultura pela Tama Art University, Japão. Participa em várias exposições, entre as quais se destacam as individuais "Influences from Japan", Tama Art University, Tokyo, Japão (2011), "Made in Japan", Banco de Portugal, Leiria, e "Jardins de Pedra" Mosteiro da Batalha, Portugal (2013), "Merging Aesthetics", Mimesis Museum, Coreia do Sul (2013), "Forma Concisa", Galeria Mute, Lisboa,

Portugal (2017). Participa desde 2012 em vários simpósios, entre os quais FGV Int. Sculpture Symposium, Udine, Itália (2020), Sculpture Art Residence, Villa Portela, Leiria (2020), Jeddah Internacional Sculpture Symposium, Arábia Saudita (2019), Inami Wood Sculpture Symposium, Japão (2019), Blautsein Internacional Sculpture Symposium, Alemanha (2018), SIMPPETRA Simpósio Internacional de Escultura, Portugal (2016), Jiaying Simposio Internacional de Escultura, China (2015), BenQ , Simposio Internacional de Escultura, Taiwan (2012), 4º Simpósio de Escultura Internacional, Teerão, Irão onde recebe o 1º prémio (2012).

Mário Lopes
www.mariolopes.info



Marta Castelo

Lisboa, 1980. Licenciada e doutorada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, é professora no curso de Escultura da mesma Faculdade e membro da unidade de investigação VICARTE. Foi bolsista do programa Erasmus na "Universität der Kunst Berlin" em 2004/2005. Realizou residências artísticas na área de escultura cerâmica nas Oficinas do Convento em Montemor-o-Novo entre 2006 e 2018. Em 2010/2011 concretizou o Curso de Pós-Graduação em Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea, organizado pelo Atelier de Lisboa e IPA. Tem vindo a desenvolver um trabalho onde usa o barro cru e/ou cozido como modo de explorar e pensar as relações entre a natureza e a construção, bem como a noção de efémero e possibilidade de fixação. Foi seleccionada para os Prémios Anteciparte em 2006 e tem participado em diversas exposições individuais e colectivas desde 2008. O seu livro PAPEL integra as colecções do Centro Georges Pompidou, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação EDP e o seu trabalho integra a Fundação PLMJ e a Colecção MG. Entre formas geométricas, algumas associadas a elementos orgânicos, emerge uma construção sobre um rochedo, sobre solo firme. A sua origem é misteriosa, como aliás a de toda a arte. O seu volume é opaco e denso e, como um templo, oculta no seu interior um lugar sagrado e quase impenetrável. A sua superfície é revestida por um brilho irradiante, um misto de reflexo da luz das estrelas e da emanção de uma interioridade incandescente, a sua presença dialoga com a obscuridade luminosa da noite escura. O seu corpo suspende o movimento da nossa atracção por ele... pois antes de tudo trata-se de um testemunho do abismo da existência.

Marta Castelo
marta-castelo.blogspot.pt



Maya Fernandes Kemp

“Os beasts of the urban wilderness – bustos de animais antropomórficos – são criaturas dóceis e ferozes que nos convidam com grande elegância a reflectir sobre o Ser Animal do humano (e vice-versa).”

Ivo Lima do Carmo

Nasceu em Berlim em 1975. Estudou filosofia e literatura (NDL) / Universidade de Berlim (FU). Formou-se em Pedagogia da Arte (PFH / Berlim e PÄDIKO / Kiel). Escultora – Ceramista autodidacta, frequentou cursos com Nathalie Schnider-Lang, Kristina Redecker-Warter, Phillippe Chazot und Bodil Eide.

Professora de Arte desde 2005 na Alemanha e em Portugal. Fundadora do Espaço Azul em Lisboa desde 2009: Docente na formação profissional de professores e educadores: educação artística e estética na primeira infância desde 2011: Professora de escultura / modelagem de barro. Co-fundadora do “Ateneu do Catorze” em São Luís.

Destacam-se as exposições: 2021 - “Lugares mais leves que o ar” na Casa Jaime Umbelino, Fábrica das Histórias em Torres Vedras, Escultura cerâmica de Maya Fernandes Kempe e Pintura de Martinho Costa; “As últimas fornadas”, exposição colectiva da CACO, Odemira; 2020 – “Ateneu do Catorze”, Artistas IN vitro: movement miniatures; Exposição colectiva na Galerie und Goldschmiede Frau Kette, Berlin, Alemanha; 2019 – “A escultura cerâmica vem a banhos”, Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha; Exposição colectiva na Galerie und Goldschmiede Frau Kette, Berlin, Alemanha (Beasts); “PARVA AREA” – Artistas residentes do Ateneu do Catorze, Montras de São Luís; Exposição individual no âmbito do Festival Giacometti em Ferreira do Alentejo; Exposição colectiva “Sopa dos Artistas”, Igreja da nossa Senhora da Misericórdia, Odemira.

Pedro César Teles



Nasceu em 1974. A paixão pelo desenho e pela pintura inicia-se na adolescência. Estudou e viveu em diversas regiões de Portugal. Os estudos universitários dividiram-se entre Lisboa e Porto: Licenciatura (UCP), Mestrado (UNL) e Freqüência da Licenciatura em Direito (UCL). A partir de diversos suportes, a sua obra versa o humano, habitado por conflitos e tensões, e transfigura a realidade através do exercício próprio da transfiguração, permitindo ao espectador escrutinar e descortinar esse mundo que é o do autor. Ao fazê-lo, está também e essencialmente a escrutinar-se a si próprio, a descobrir-se, a criar-se. Regista presença em múltiplas exposições, individuais e coletivas. A sua obra integra diversas coleções particulares (nacionais e estrangeiras) e está representada em várias instituições. Paralelamente ao universo das artes, desenvolve atividade docente.

RaRo



Arquitecto formado pela ESBAL , Lisboa em 1981. Exposições: 1995 - “Do desejo e da Paisagem”, Convento de Cristo, Tomar; 1999 - “Do Desejo e da Paisagem” - c/ Marlene Dias, Convento de Cristo, Tomar; 2001 - “O espírito do lugar”, exposição colectiva, Livraria Ler Devagar, Lisboa; 2012 - “Babel”, exposição individual; Bienal da Vidigueira, menção honrosa; 2016 - Open Day - Associação de Artes ADAO, Barreiro; “A Arte, sendo um assunto Sério, é Brincadeira, pois então”, exposição colectiva; 2017 - Festival Musidanças, Martim Moniz, Lisboa; XIX Bienal Internacional de Arte de Cerveira, Vila Nova de Cerveira; 2018 - Espaço InterculturaCidade, Lisboa. “When I’m Sixty-Four”, exposição individual; “ Tomar e tudo à volta”, exposição colectiva; “ Space and Time”, Objecto instalação.

RaRo

www.instagram.com/raul.lopes.rosa/

Ricardo Gigante

A escultura tem, ao longo da História e da Civilização Humana, sido utilizada como veículo do poder individual e colectivo de vários povos. A contemplação da escultura pelo homem, desde sempre foi acrescida pela sua tridimensionalidade e pela ocupação de um espaço físico. A sua narrativa acresce ao seu admirador um compromisso de interesse em acompanhar a criação do artista nos vários desafios temáticos que lhe são lançados.

Uma das esculturas que apresento pretende venerar à “senhora gota de água”, e a outra transportar-nos para algo mais conceptual sobre o tema.

Ricardo Gigante nasceu em Vila Viçosa. Realizou três dezenas de exposições individuais (em Portugal e Espanha) e está representado em importantes colecções como: Museu de Arte Contemporânea de Moscovo – Galeria Status Crosna (Rússia); Grundfos, SA (Dinamarca); Convento de San Francisco, Badajoz (Espanha); Ayuntamiento de Punta Umbria (Espanha); Museo Municipal Lopez Villaseñor de Ciudad Real (Espanha); Banco Bilbao-Vizcaya, Lisboa; Edinfor – Sistemas Informáticos, SA, Lisboa e Siemens, Lisboa. Participação em mais de duas dezenas de simpósios nacionais e internacionais. Obra pública: “Tlaloc – Deus da Chuva”, Parque de Esculturas de Saint Pont de Thomière, Castre (França); “Sem título”, Vila Sol Spa & Golf Resort, Vilamoura; “Quatro Caminos”, Olivença (Espanha); “Rainha”, Nisa; “Rainha Santa Isabel”, Pousada de Estremoz; “Parceria”, Vila das Aves, Guimarães. Prémios: Prémio do Concurso de Embelezamento de Espaços Escolares – Escola António Augusto Louro, Seixal, VIII Prémio Ibérico de Escultura – Prémio Torre Almenara, Punta Umbría, (Espanha) e X Prémio “López Villaseñor de Artes Plásticas”, Ciudad Real, (Espanha).



Ricardo Gigante

www.instagram.com/raul.lopes.rosa/

Sandra Borges

Formalmente, esta série pede emprestado a uma forma de comunicação mais recente – os emojis – a utilização do rosto humano nos seus elementos fundamentais – os olhos, nariz e boca – para convir uma determinada emoção ou intenção. A intenção é a de criar um contexto onde a escultura apresenta ao observador um determinado conceito ou discurso que pode ser interpretado de diferentes formas pelo observador, embora balizado pelo pathos representado.

Estes vários níveis de significação provêm tanto da relação do objecto com o espaço, de como é disposto ou apresentado, mas também pela interpretação da expressão facial, forma de comunicação não verbal que é tão necessária ao ser humano ao ponto de ter havido a necessidade de criar um léxico específico para preencher as lacunas da escrita nas interações quotidianas actuais.

Sandra Borges nasce em 1979 em Lisboa. Termina o curso de Escultura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2006 e o estágio profissional com o Centro Internacional de Escultura – Odrinhas, Sintra, em Fevereiro de 2009.

Desde o final de 2012 trabalha como assistente para outros escultores. Expõe desde 2004 em várias exposições colectivas e individualmente desde 2012, de onde se destaca: 2021, IV Bienal de Salerno, Salerno, Itália; “Ouve-me, Vê-me, Pensa-me”, exposição individual, Complexo Cultural Elvino Pereira, Mação; 4ª Bienal de Gaia, Quinta Fiação de Lever, Gaia. Participou em simpósios a nível nacional e numa residência artística em França, tendo obra pública em vários locais de Portugal e em França. Desde 2019, colabora na organização do ciclo de exposições Convergências e Os Sítios de... Em 2021 recebe o 2º Prémio de Instalação na 4ª Bienal de Arte de Salerno, Itália.

Sandra Borges

<https://cadernografico.wordpress.com>



Susana Piteira

Desde 1987 que participa e organiza exposições de Artes Visuais, conferências, simpósios e workshops, nacionais e internacionais, dos quais se destacam as últimas exposições individuais: “Bright as silver, white as snow”, Lisboa; Fundação Oriente, 2021 (em parceria com Beatriz Horta Correia e Graça Pereira Coutinho). “O Impulso Utópico”, Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2019; “Luxuriae”, Guarda, Museu Municipal da Guarda, 2017; Reservas e Sedimentos: tensões, representações, heranças ou nomeações. Braga, Galeria da Universidade, Museu Nogueira da Silva e Trompe L’oeil, Le Coeur et La Raison, Quase Galeria/ Espaço T, Porto, 2013. É autora de diversos trabalhos escultóricos de intervenção arquitectónica e no espaço público. Está representada em colecções públicas e privadas.

Recebeu a Menção Honrosa atribuída à obra de escultura Knidia pela SNBA, Lisboa, 2014 e o 2º Prémio de Escultura na Semana da Pedra III, Concurso Internacional de Escultura em Pedra, PNSAC, Torres Novas, 1990. Foi bolsista das FCG e da FCT. Desde 1992 até à actualidade leccionou em diversas Faculdades de Universidades portuguesas.

Susana Piteira

www.susanapiteira.com



Teresa Lima

Teresa Lima nasceu em 1962 em Lisboa.

Licenciada em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

A partir de 1994 começou a dedicar-se à ilustração de livros infanto-juvenis.

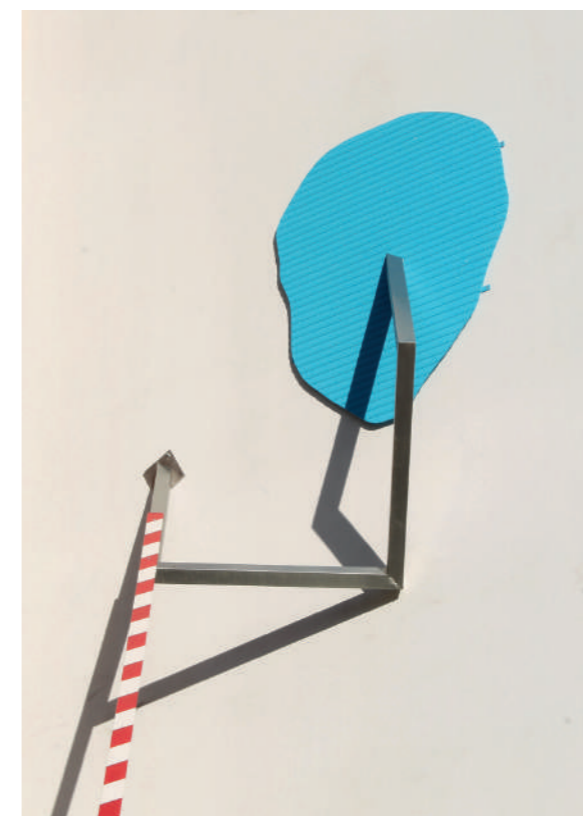
É professora de Artes Visuais na Escola Vergílio Ferreira em Lisboa.

Vive e trabalha em Lisboa.



Para além de outras distinções, recebeu o Prémio Nacional de Ilustração em 1998, com o livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll e em 2006, com a obra *Histórias de Animais*, de Rudyard Kipling. O livro *Se os Bichos se Vestissem como Gente*, de Luísa Ducla Soares foi distinguido, em 2004 com uma Menção Honrosa do mesmo Prémio. O livro *Ovos Cozidos*, de Marisa Nuñez foi selecionado para o catálogo *White Ravens*, pela *International Youth Library*, em Munique, em 2008. Foi nomeada para o Prémio *Hans Christian Andersen*, 2014, na categoria de ilustração, pela secção portuguesa do *IBBY*, pelo conjunto da sua obra. Ilustrou, entre outros, os livros *A Cor das Vogais*, de Vergílio Alberto Vieira (*Civilização*, 1995); *Segredos*, de António Mota (*Desabrochar*, 1996); *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (*Civilização*, 1998); *O Gigante e as três irmãs*, de Alice Vieira (*Caminho*, 1998); *A Cavalo no Tempo*, de Luísa Ducla Soares (*Civilização*, 2003); *Se os Bichos se Vestissem como Gente*, de Luísa Ducla Soares (*Civilização*, 2004); *António e o Principezinho*, de José Jorge Letria (*Ambar*, 2004); *O Soldadinho de Chumbo*, de Hans Christian Andersen (*Dom Quixote*, 2005); *Histórias de Animais*, de Rudyard Kipling (*Ambar*, 2006); *Ovos Cozidos*, conto de Marisa Nuñez (*OQO*, 2007); *Os Sete Cabritinhos*, de Tareixa Alonso (*OQO*, 2008); *Félix, el Coleccionista de Miedos*, de Fina Casalderrey (*OQO*, 2009); *Angéle et le Cerisier*, de Raphael Frier (*L'Atelier du Poisson Soluble*, 2011); *A Árvore*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (*Porto Editora*, 2013); *O Casamento da Gata*, de Luísa Ducla Soares (*Porto Editora*, 2016), *A Mãe e Outras Modos de Viajar*, de Raul Malaquias Marques (*apcc-Associação para a Promoção Cultural da Criança*, 2019). *El Hombre que Contaba Estrellas*, de Arturo Abad (*OQO*, 2019); *As Palavras Também Brincam*, de Luísa Ducla Soares/Daniel Completo, (*Canto das Cores Edições*, 2020).

Thierry Ferreira



Desde 2006 que a sua pesquisa artística centra-se na prática da escultura, do desenho/escultura e da fotografia, tendo como ponto de partida a organização do espaço como problemática estética, em que procura encontrar estratégias para projectar a escultura fora de si mesma e mostrar imagens do mundo em construção. Esta procura divide-se em três núcleos: primeiro, em que as propostas plásticas permitem convocar um espaço virtual e a fuga desse espaço virtual em direcção ao real; segundo, o da prática de atelier na qual ocorre uma articulação entre escultura, fotografia e desenho; terceiro, o da arte em geral. No cruzamento destes três núcleos surgem dois tipos de trabalhos: um de carácter projectual, em que o resultado final integra o que antecipa; outro de cariz processual em que a matéria, o fazer e o relacionamento do corpo são veículos fundadores do objecto final.

Thierry Ferreira termina a licenciatura em Artes Plásticas, pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha em 2009 e, em 2016, termina o Mestrado em Artes Plásticas pela mesma instituição. De destacar vários prémios, entre os quais uma menção honrosa na VII edição do Prémio D.

Fernando II, Sintra em 2003, uma menção honrosa no III Prémio Baviera Artes Plásticas de Vila Nova de Cerqueira em 2004, 1º Prémio de Escultura Artur Bual, Amadora, em 2005, 1º Prémio de Escultura na Bienal de Artes Plásticas de Ansião em 2008, 2º Prémio de Escultura, Jingpo Town International Sculpture Art Festival, China em 2012, 1º Prémio na Bienal Internacional de escultura de Chaco, Resistência, Argentina em 2014, uma menção honrosa no 7º Simpósio Internacional de Teerão, Irão em 2015, VII Prémio Ibérico de Escultura da Cidade de Serpa e Prémio da Bienal de Coruche em 2017.

Thierry Ferreira
www.thierryferreira.com/portfolio/escultura/

Nomeados do desafio temático organizado pelo GRAFO com o tema Água



Donzília Silva



Fernanda Lobo



Fernando Santos Marques



Joaquim Ferreira Marques



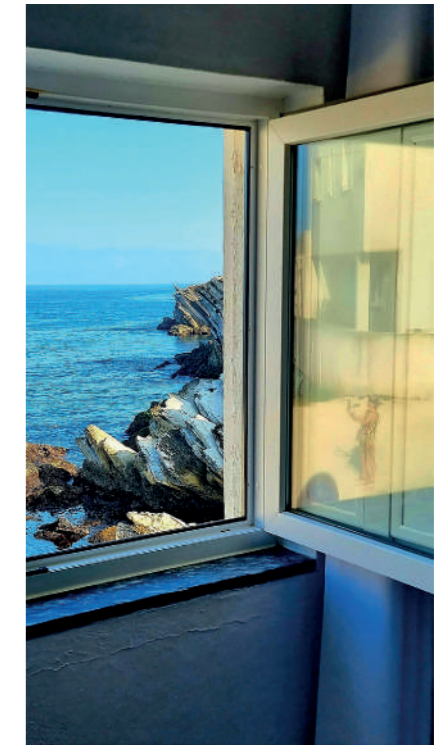
Leonilde Canelas



Lino Lourenco



Maria João Rito



Manuel Paulo



Victor Jesus

Grupo de fotógrafos
d'Os Sítios da Água



António Ferreira



Becerra Victorino



Arlindo Homem



Paulo Ferreira



Joaquim Santos



Carlos Piedade Silva



David Ligeiro



José Matias



Carmen Vitorino



Diogo Rosa

Abílio Febra
Alberto Trindade
Ana Filipa Scarpa
Anabela Mota
Beatriz Cunha
Becerra Vitorino
Carmen Vitorino
Catarina Câmara
Diogo Rosa
Elsa Figueiredo
Engrácia Cardoso
Fátima Afonso
Fernando Sarmento
Filipe Curado
Gina Frazão
Helena Estanqueiro
Isabel Soares dos Reis
Ivone Alves
João Donato
João Estrada
João Sotero
Jorge Bacelar
Jorge Pé-Curto
Kerk
Luís Reis
Manuel San-Payo
Manuela Martinho
Mário Lopes
Marta Castelo
Maya Fernandes Kemp
Pedro César Teles
RaRo
Ricardo Gigante
Sandra Borges
Susana Piteira
Teresa Lima
Thierry Ferreira

Organização:



Apoio:

